

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

22 e 29 de Julho de 2022

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS – A FICÇÃO CIENTÍFICA (II parte)

GWOEMUL / 2006 The Host - A Criatura

Um filme de Bong Joon Ho

Argumento: Bong Joon-Ho, Jun-won Há e Chul-Ryun Back / *Diretor de fotografia* (35 mm, cor, formato 1:85): Hyung Koo Kim / *Efeitos especiais:* Julie Anderson, Teisha Brook / *Cenários:* Ryu Seong-hie / *Figurinos:* Jo Sang-gyeon / *Música:* Byung-woo Lee / *Montagem:* Kim Sun-nim / *Som:* Choi Tae-young / *Interpretação:* Song Kang-ho (*Park Gang-Doo*), Byun Hee-Bong (*Park Hie-bong*), Park Hae-il (*Park Nam-il*), Bae Doona (*Park Nam-goo*), Ko Asung (*Park Hyun-seo*), Dal-su ohg (*a voz do monstro*), Jae-eng Lee (*Se-Jin*), Dong-holee (*See-jo*) e outros.

Produção: Chunggeorahm Film (Seul) / *Cópia:* Digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em alemão e legendas eletrónicas em português / *Duração:* 120 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes (Quinzena dos Realizadores), 21 de Maio de 2006 / *Estreia em Portugal:* 9 de Agosto de 2007 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

AVISO: devido à chega tardia da cópia, não foi possível preparar a “folha” do filme. Em substituição propomos um artigo de Adrien Gombeaud (“Un Film à Quatre Queues”), publicado em *Positif* (nº 549, Novembro de 2006).

Representações monstruosas dos nossos medos e das nossas fantasias profundas, punições divinas... De King Kong a Alien, passando por Godzilla, bestas viscosas, insetos gigantes e dragões maléficos são enigmas complexos. O monstro que vai assombrar as águas do rio Han tem origens biológicas claramente definidas. Num antiquado laboratório, um cientista americano e o seu jovem assistente coreano despejam produtos tóxicos nos esgotos, sem a menor precaução ecológica. Mas Bong Joon-ho é um cineasta suficientemente sutil para complicar as coisas e acrescentar uma sequência estranha a este prólogo. Um homem de negócios arruinado, na murada de uma ponte, contempla as águas viscosas e escuras que ondulam à chuva. Os seus empregados tentam dissuadi-lo, mas antes de saltar da ponte ele volta-se para eles e diz: “*Seus idiotas, não perceberam nada*”. O homem salta no vazio e as águas do rio fecham-se sobre ele. O maior êxito da história do cinema coreano acaba de começar.

Uma tarde banal na ilha de Youi, em pleno centro de Seul. No seu estaminé o Sr. Park vende cervejas frescas, lulas grelhadas, salsichas e rebuçados. Ele tem três filhos: Nam-joo, campeã de tiro a arco e flecha, Nam-il, jovem diplomado desempregado e Gang-du, um indivíduo um pouco imaturo que cria sozinho a sua filha Hyun-seo. O dia está bonito e muitas pessoas fazem piqueniques à beira da água. Subitamente, salta do rio em ser mutante, uma espécie de gigantesca rã com cabeça de inseto que ataca e destrói tudo o que está à sua frente. Em meio à multidão em pânico, a mão da filha de Gang-du desprende-se da sua. O monstro mergulha nas águas, levando a criança. Para uma criatura mutante, um filme mutante. Bong Joon-ho constrói a partir deste argumento clássico um “filme com quatro caudas”, agílimo e original, que joga alegremente com todos os géneros e todas as emoções.

A primeira cauda é viscosa e apavorante: sem excessos *gore*, **Gwoemul** é um filme de terror, como é evidente, com ataques de uma língua pegajosa, escamas viscosas, corredores sombrios de cujas paredes escorrem líquidos... A segunda cauda faz cócegas e é cómica. Reencontramos em **Gwoemul** um método que já fora utilizado nos dois primeiros filmes de Bong Joon-ho (**Flandersui gae/Cão que ladra não morde**, de 2000; **Salimui chueok/Memórias de um assassino**, de 2004): a aparição daquilo que é estranho revela bruscamente o absurdo do quotidiano mais banal. O monstro age como um revelador sobre o contexto quotidiano. Por

exemplo, quando ele mergulha no rio percebemos a que ponto as “gaivotas” em forma de pato que se mexem na água são ridículas. Por conseguinte, o tema de **Gwoemul** é menos o monstro do que a reação de uma multidão apatetada diante de um perigo desconhecido. As pessoas que por ali passeiam, ao verem o monstro, não pensam em fugir mas em sacar do telemóvel para fotografá-lo ou atirar-lhe latas de cerveja, chegando com o ar mais sério deste mundo a conclusões grotescas: “*Deve ser um golfinho de água doce!*”.

A terceira cauda pica e é política: a família Park, pelo facto de ter estado em contato com o monstro é posta em quarentena e Bong Joon-ho mostra com deleite médicos altivos, cientistas com fatos ridículos, a comunicação social em frenesim. Os poderes públicos, totalmente incapazes de gerir a situação ou de combater a criatura, tratam de desviar a atenção da população: quando a família Park, que já não pode contar com ninguém, foge para ir socorrer Hyun-seo é procurada com mais empenho do que o próprio monstro!

A trama narrativa de **Gwoemul** traz à lembrança diversas catástrofes recentes e a maneira como foram mostradas pela comunicação social. Por exemplo, o desabamento dos grandes armazéns Sampoong em Seul, em 1995, sem razão aparente (não houve atentado nem terramoto), sobre cerca de mil clientes presentes; as suas ruínas foram pilhadas e o acontecimento tornou-se o símbolo da fragilidade do “milagre coreano” e o palco da obscenidade do consumismo (o ponto extremo foi atingido quando a primeira frase de uma jovem sobrevivente foi: “*Quero uma coca-cola!*”). Pode-se também pensar em outros pânicos e entusiasmos mediáticos, como por exemplo aquando da gripe aviária. Mas a intrigante sequência do homem de negócios que se vai suicidar associa o monstro sobretudo à crise económica mundial. Tanto quanto o resultado de uma catástrofe ecológica, o monstro seria o lixo de um rio envenenado pelos americanos, que traz de volta, numa forma monstruosa, o cadáver de patrões desonestos. A chegada de cientistas estrangeiros e das organizações internacionais que envenenam a situação lembra, como é evidente, a tutela humilhante do Fundo Monetário Internacional. Filme político sem concessões, **Gwoemul** escapa ao cinismo graças à coragem do povo coreano. O realizador evoca com ternura o gosto dos seus compatriotas pelos movimentos sociais, pela boa comida e pelo macarrão instantâneo. Na sua caravana, a família Park representa três gerações das camadas populares esquecidas, as pessoas pobres que desde sempre são os heróis de Bong Joon-ho: para o avô, que cresceu no pós-guerra, a solução de todos os problemas reside na arte da corrupção e na habilidade em utilizar uma rede de relações. Ele tenta manter-se no seu papel de patriarca, mas já ninguém lhe dá ouvidos. O irmão mais novo representa a geração seguinte, que passou os anos de faculdade na rua e não poucas noites nas esquadras da polícia, algemada a uma cadeira e a receber pancadas com listas telefónicas. Ele é o emblema da geração que foi buscar a democracia entre nuvens de gás lacrimogéneo e cassetetes da polícia, para depois cair no desemprego ou ver-se coberta de dívidas. Quando os exércitos e as instituições revelam-se impotentes diante do monstro, eis de volta o manifestante coreano. Reconhecemos esta figura de fins dos anos 80, que caminha no nevoeiro com o rosto coberto por um lenço húmido, os olhos a lacrimejarem, com um cocktail molotov na mão, sozinho diante da criatura hedionda. Os seus aliados serão a sua irmã, que desferirá a flecha fatal, o seu irmão mais velho, que todos desprezam e que se lançará num corpo a corpo e um mendigo alcoólico que dormia debaixo de uma ponte. Mas a heroína do filme é a pequena Hyun-seo. Ela encarna a geração do telemóvel, da televisão e da pastilha elástica. Estamos ao lado dela durante todo o filme, fechados diante da besta, isolados de todos. Vemo-la passar em algumas horas do estatuto de criança ao de mulher e até mesmo de mãe. Prendendo a respiração, com o rosto coberto de fuligem, a criança luta com todas as suas forças contra o monstro gigantesco e sobretudo contra os seus próprios medos. Embora o pavor deixe os seus pés colados ao chão ela acabará por tomar impulso e reagir. Deste modo, como todos os grandes êxitos populares do cinema coreano, **Gwoemul** conta uma história de coragem, de sobrevivência e tenacidade. Esta é a quarta cauda do filme, a mais bela e a mais teimosa: aquela que volta a crescer quando é cortada.

Adrien Gombeaud